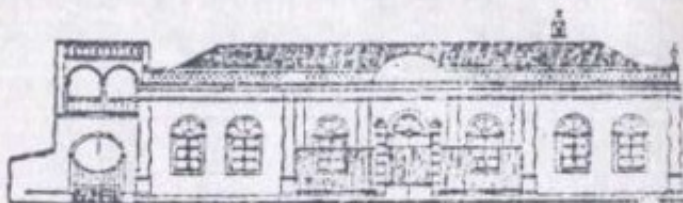

Júlio Dantas

As Modas Femininas
do Século XVIII em Portugal

apenas

Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de
Documentação



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel

Biblioteca

Inv. N.º 2661

Cota N.º 10-4

Júlio Dantas

As Modas Femininas
do Século XVIII em Portugal

apenas

nas: se D. João V quis ter bons painéis nos seus coches, teve de mandar vir de França Pedro António Quillard, pintor de *fêtes galantes* à moda de Watteau, que depois se democratizou por Lisboa em tremós e altos de porta; mais tarde, se a nobreza precisou dum retratista, teve de ir buscar Parode à Itália; por último, em 1785, se se quiseram jóias para mandar para Espanha, foi preciso chamar a Portugal o miniaturista e pintor de esmaltes Tron, que aqui morreu em 1813, fazendo bom negócio. Tive-estranhos sempre rio ferir a nota leve da graciosidade. ção, se as circunsram a mandar vir pintar as nossas tivemos felizmente moralistas para havia-os por cá em tidade. Moralistas e dos melhores - Deus! -, que divi-entre a mendicidade



Uma frança da primeira metade do século XVIII.

mos de recorrer a que foi necessáda elegância ou Em compensatâncias nos força-artistas para nos mulheres, não de mandar vir dizer mal delas: admirável quanpoetas satíricos poetas, santodiam os seus ócios das casas fidalgas, o pão-de-ló dos outeiros de Abadessado e a maledicência às elegantes ricas do tempo. Eles, os autores das *Turinas* e dos *Rituais dos Bandarras*, os comediógrafos portugueses do século XVIII e os filósofos da literatura de cordel que amarelecia ao sol nas escadas do Hospital de Todos-os-Santos, nos frades de pedra da Ribeira das Naus, ou, aos domingos, no Cano Real, deixaram-nos, das «franças» e das «sécias», retratos muito menos galantes que os de Boucher, de Greuse ou de Le Sueur, mas muito mais fiéis, muito perfeitos e muito mais minuciosos.

A «bandarra» era a elegante do fim do século XVII. Foi a primeira a ressentir-se da corrente de «francesia» que Isabel de Nemours trouxera em 1666 para a nossa corte. Marca a transição da moda espanhola da vasquinha e do verdugadim, para a moda francesa do donaire – das gaiolas de ferro para a barba de baleia, do peso sumptuoso para a leveza galante, do veludo preto para a seda transparente. É Velásquez cedendo

Brun. A mesma de alongar o dominara na *ta de Guia de* na moda francesa da *Brichota*: o ga-se em bico os braços pare-cintura estreitís-traste com a da do donaire, sobre os cabe-colo, sobre as darra» mal pode lece, tem de se



Uma frança do tempo de D. João V: rosicler, sinais de tafetá, pose grega.

a moda francesa do bastão do punho de ouro. É assim que a Duverger, filha de uma dama velha de Isabel de Nemours e amante *attitrée* de D. Pedro II, que dava na Lisboa do tempo o *la* das elegâncias, entra ostensivamente no Paço a falar com o rei. As cabeleiras começam a complicar-se – também à francesa. Usam-se meias verdes, que é a suprema elegância, põem-se sinais de tafetá no rosto – sobretudo ao canto da boca, diz D. Francisco Manuel –, e passeia-se de coche pelo Rossio, nas berlindas, nos florões dourados ou nas cadeiri-

passo a Le mania italiana busto, que já elegante da *Car-Casados*, persiste sa das damas corpete prolon-sobre o ventre, cem curtos, a sima pelo con-ampliação tufa-as jóias pesam los, sobre o mãos: a «ban-mexer-se, desfa-amparar, e inicia

nhas do tempo, com os galantes ajoelhados às portinholas, suplicando um sorriso, uma flor, uma palavra. Nas modas, como nos usos, a «francesia» acentua-se. D. João V manda vir tudo de França, desde as cabeleiras até às camisas. O delírio da imitação de Luís XIV abre definitivamente as portas aos figurinos franceses. A moda espanhola, com as suas golinhas, os seus mantéus, o seu tafetá modesto, o seu veludo negro solene, desaparece de todo mesmo nas camadas mais baixas – e o tipo caricatural, lisboeta, precioso, verdadeiramente adorável da «frança» surge nos serões do Paço, nas missas de S. Roque, nos sermões da Graça e nos arcos do Rossio, como o retratam minuciosamente as *Turinas*, ou



Uma elegante do tempo de D. Maria I: a écharpe e o penteado de trouxas.

pragmáticas do tempo, pintado de carmim, coberto de jóias, mosqueado de sinais, emplumado de rosiclères.

A «frança» foi o tipo mais persistente e mais duradouro da elegante portuguesa do século XVIII. Até 1750 ou 1760 constituiu um verdadeiro *cliché*, tão característico como foi depois a «casquilha» de josezinho encarnado no tempo dos franceses, ou como tinha sido antes o tipo da *niña boba*, no século de Velásquez. Durante quarenta anos, o modelo foi classicamente o mesmo: a «frança» imobilizou-se no mesmo tipo, vestiu-se do mesmo modo, gesticulou do mesmo modo, pensou do mesmo modo. Era uma espécie de boneca armada sobre arames, à francesa, com uns imensos *paniers* a que cha-

mavam em Portugal «bambolins», tão monstruosos que não cabiam pelas portas senão de esguelha; um penteado coberto de polvilhos de França, enorme, riçado, encanudado, com trouxas ou tocados amarelos «à alemoa», que desde a vinda da rainha D. Maria Ana d'Áustria eram a moda suprema; um complicado sistema de sinais de tafetá a picarem-lhe o

carmim da face, cada um com o seu nome galante – o *beijocador*, o *melindroso*; uma saia, com palatido frio, um grande manto descia mais ombro esquerdo, *broche no pescoço*, em cor-de-dão negro cruz esmeraldas, *um rosicler irmão da luvas de pala e* cruz no topete,



A saia de bambolins.

alguns anéis de boas pedras». Era este o tipo geral que lhes impunha a «Turina Fêmea» e que as «franças» lisboetas mantiveram com uma persistência admirável, ampliando cada vez mais os bambolins, levantando cada vez mais o penteado, enchendo-se cada vez mais de jóias –, mas não perturbando a linha de conjunto dessa figurinha clássica de leque de seda, que dançava o minuete ao som da flauta de Lucas Jovini, ia ao Paço a bambolear dentro duma berlinda dourada e tinha a coragem de ficar penteada de véspera, nos dias das procissões, e de dormir sentada numa cadeira para não desmanchar a obra-prima do cabeleireiro francês Musard, da Rua dos Ferros, ou do cabeleireiro Antunes, dos Remolares. Mas o que verdadeiramente caracterizava a «frança»

não era tanto ainda a *toilette*; eram os hábitos, as modas, os ridículos, as esquisitices. A suprema elegância para a «françã» rica do Paço ou para a «françã» pobre do Mocambo, era andar sempre aos *ais*, fingir-se enferma, fazer boquinhas de jarro, ter ares dengosos de fatigada e olheiras profundas de convalescente. Não fazia mais do que obedecer ao ritual da francesia, que a aconselhava - «*a contar*

males de que ande que sejam mentito por afectar dores de cabeça, sempre dois par-
Era tão galante, para a «françã» estado no Paço a el-rei, como conpadezia de rinos». A moda gante portuguese-século XVIII o quanto ela qui-



O toucador de uma sécia (gravura da época).

molestada ainda ra, e a fazer mui-melancolias e para o que terá ches nas fontes». tão distinto dizer que tinha beijar a mão a fessar que «acidentes ute-permitia à ele-sa do meado do d e c o t a r - s e sesse; os frades

nem sequer baixavam os olhos, os moralistas não davam por isso: mas ai daquela que mostrasse sequer o bico do pé! Daí, cuidados excessivos nas descidas dos coches, dos florões, dos estufins, a criada grave logo a conchegar o guarda-pé da menina, a puxar-lhe a saia, a ajustá-la ao estribo, não fosse alguém ver-lhe a ponta sequer do pé pequenino, calçado de veludo berne e pousado sobre um tacão alto, obra admirável dos sapateiros franceses da escola de Choisy, que, diga-se de passagem, exportavam largamente para Portugal. O galante Montesquieu, nas suas *Lettres Persanes*, surpreende este ridículo da «françã» lis-

boeta, e, referindo-se aos maridos portugueses e espanhóis, comenta: «*Ils permettent à leurs femmes de paroître avec le sein decouvert; mais il ne veulent pas qu'on leur voie le talon et qu'on les surprenne par le bout des pied*».

Se o *Anatomico Jocosso* nos deixou da «frança» de 1750 pequeninos retratos que são verdadeiros quadrinhos de Greuse ou de Watteau, o *Theatro* de Figueiredo e os folhetos de cordel dos *res* de 1780 a ram-nos a cariçiosa da «sécia», cência ainda da «frança», carácter de fiximanteve o tipo A «sécia», ao «frança», não é zação dum tipo mais o nome

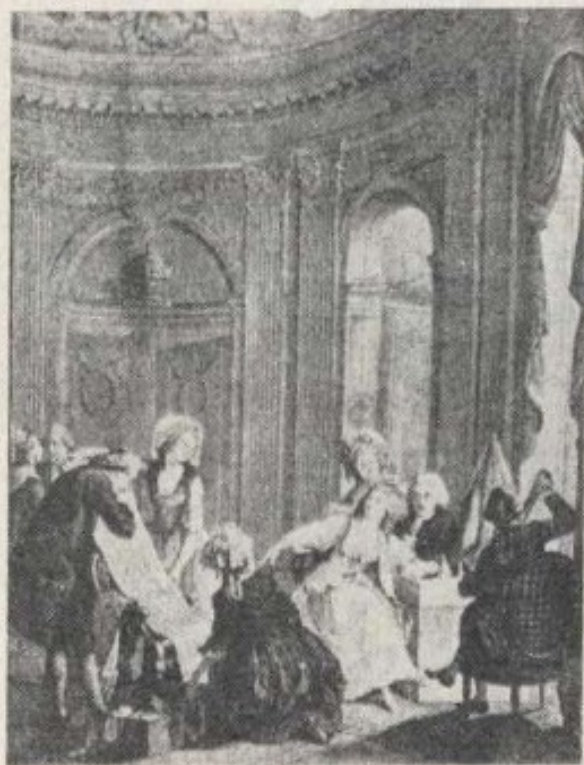


Duas sécias (gravura da época).

poetae mino-
1790 lega-
catura pre-
degeneres-
mais ridícula
mas já sem o
dez que
desta última.
contrário da
já a cristali-
elegante: é
genérico das

elegantes da última parte do reinado de D. José e do reinado de D. Maria. Sob o impulso pombalino de nacionalização e de protecçionismo, o briche, a saragoça, o crespo de Lamego passaram a substituir as sedas e os gorgorões franceses; as modas tomaram um carácter mais nacional e mais grosseiro, e, seguindo o exemplo da rainha D. Mariana Vitória nas suas caçadas em Salvaterra, as elegantes de 1770 usaram durante algum tempo amplos capotões e josezinhos de briche, com capuz por causa da chuva. Depois, o delírio da saragoça passou, graças aos protestos das belezas profissionais que frequentavam o Paço e discutiam as modas francesas, holandesas e alemãs; voltaram as sedas leves, bordadas a ouro e a matiz, as rendas preciosas; o penteado conservou-

se empoadado, mas mais baixo, para que as elegantes pudessem passar pelas portas sem fazerem cortesias; voltaram as moscas de tafetá, que por momentos tinham desaparecido,



Os confessores das sécias dão a sua opinião sobre a elegância das cabeleiras e a beleza dos cortes de seda...

e os *paniers* diminuíram de amplidão até a um limite compatível com a elegância dos minuetes do Paço, marcados agora pelo músico David Peres, que ainda hoje se vê, entre as infantas, pintado num tecto admirável de Queluz. Alguns anos a moda conservou-se no *talon-rouge* da imitação francesa; mas depressa se começou a operar uma singularíssima transformação. As «sécias» passaram a usar cabeleira postiça, como os homens – «cabeleiras de bandas» –, a tomar atitudes masculinas, a

cheirar rapé, a fumar, a abandonar as jóias, os brincos, os rosiclères, os trémulos de diamantes, inclusivamente o espartilho, ao passo que os «peraltas» se efeminavam, punham fitas cor-de-rosa no *cadogan*, usavam moscas de tafetá, carmim na face, brincos nas orelhas, falavam em falsete e tinham hábitos singulares que não honravam a sua virilidade. Numa curiosíssima cena dum peça do tempo, *Os Pais de Famílias* (ano de 1773), o autor põe na boca de um alfaiate ridículo esta *tirade* extremamente pitoresca, que dá bem a medida da inversão operada nas modas ao expirar o terceiro quartel do século XVIII:

*Vemo-las de casaca, de rabicho
 Faca de mato, botas, de chapéu,
 Sem brincos, nem garganta; e algum tempo
 Té faziam a barba, até traziam
 Cabeleira de bandas. Ainda as vi
 De cabelos cortados sobre o pente,
 O corpo à mangalaça, sem feitio.
 Nós então é que andámos de espartilho,
 É que púnhamos cor, branco e sinais;
 A cara apolvilhada... isso era de homem:
 E hoje, se repara, com mil tranças
 Ornamos as cabeças; grandes popas;
 Furamos as orelhas: empregamos
 Já fitas cor-de-rosa nas castanhas:
 Por formas de sapatos de mulher
 Se fazem já os nossos sem tacões;
 E se a minha senhora me permite
 Que eu lhe diga a razão por que se apertam
 Já os nossos calções cá nesta altura,
 É por não estranhar o cós da saia
 Que mais ou menos mês nos cai em casa!*

A «frança» tinha como suprema honestidade não deixar ver o bico do pé; a «sécia», pelo contrário, arregaçava-se, mostrava a perna, os grandes saltos encarnados dos sapatos, exhibia-se com a maior facilidade do mundo, e, chegava a haver, no tempo, grupos de «peraltas» que cultivavam as descidas de coche e de berlinda e conheciam as pernas de todas as «sécias» fidalgas de 1780, muito melhor do que os seus próprios dedos. Um folheto de cordel do tempo, *Refle-*

xões Feitas pelos Pais do Voador Peralta (1784), zela convenientemente a moralidade no tocante ao arregaçar das «sécias»:

*O vestido por detrás
Como a sécia agora traz
Não lho deixe mais erguer;
Porque pode suceder
Irem as saias também...*



O penteado à la belle poule, segundo uma caricatura portuguesa do século XVIII (Litografia de Manuel Luiz).

Mas se a «sécia» mostrava a perna, já tinha um pouco mais de pudor do que a «frança» no decotar-se, e não aparecia em público de seio à mostra como a sua antecessora do *Anatomico Jocosso*. Decotava-se, é certo, mas velava o peito com uma *écharpe* transparente, a que a moda do tempo chamava «gravata». Ainda assim, os moralistas tiveram que dizer; publicaram-se folhetos sobre folhetos acerca da gravata transparente, reclamou-se a sua substituição, exigiu-se que ela fosse espessa como um burel franciscano – e as «sécias» não tiveram remédio senão justificar-se, ou alguém por elas, num folheto intitulado *Resposta que Dão as Senhoras Mulheres*, dos mais interessantes do tempo: «*Enquanto ao que falei do transparente da gravata, tendes pouca notícia, pois o tempo presente é*

ainda mais honesto que o pretérito; naquele tempo, em que as senhoras não usavam de rebuços por vestirem à Alemoa, aonde sem o obstáculo do transparente lenço tudo se patenteava, e talvez que por lisura ou sinceridade os seus peitos manifestavam. Porém

agora, que com o gria tudo se crê da nos crimi- é que o esplentes, a carnação exuberante dos lhada de pós da queada de sinais, que as mercutura de cordel, e transparente foi, te sucedeu, banifemininas de seguiu deixar em ção... mais do



A toilette de uma sécia: o penteado e a água-às-mãos.

gloriosa e branca dos seios. O decote continuou a florescer como no tempo das «franças», mais amplo, mais rasgado, mais escandaloso; a «sécia» voltou a feminizar-se, a fazer consistir todo o seu melindre nas jóias e no penteado, muito especialmente no penteado; iniciou-se a moda desgraciosa do «coto» que Filinto Elísio descreve, numa nota, como «rabicho curto e grosso que era o primor da sécia»; começaram a usar-se as fitas caídas pela testa abaixo, «moncos de pirum dependurados», como lhe chamou um poeta do tempo nas *Queixas de Clarindo*, e a caricatura elegante de 1790 surge nos versos doutro folheto de cordel, *A Mulher da Moda*, com a graça ligeira e colorida de uma aguarela:

vestido da Hunpor fé, como ainmais?». O certo dor dos decoluminosa e peitos, polvi-França e mosteve mais força riais da literase a écharpe como realmen- da das modas 1780, não consua substitui- que a pele glo-

«*Riçada popa té aos olhos corre
 E no preto sobrolho o crespo morre;
 De estreita fita laço desmarcado
 Pede a moda que seja posta ao lado;
 Sumida a velha deixa ver luzido
 Um brinco tão disforme e tão comprido,
 Que se o uso não fosse um justo ensaio
 Mais par'cia prisão de papagaio;
 Tufado papo que a destreza amara
 Lhe dá o que a natura lhe negara:
 De pia alguns acusam tal usança,
 Mas não olham que a moda vem de França.»*

A França continua a ser a alma das elegâncias lisboetas; vem ainda de França a moda dos chapelinhos de palha «grimpados no alto da cabeça»; dos toucados enormes armados *à la belle poule*; das trouxas, dos polvilhos, dos riçados, dos frisados, dos encanudados; das testas enormes feitas à custa do *bor-de-front* das cabeleiras; dos edifícios de cabelo tão altos e tão monstruosos, que as «sécias» andavam sempre martirizadas de enxaqueca e os tejadilhos dos coches cheios de pomadas e de pós:

«... *mandam tirar as almofadas
 Das carruagens, as que as vão toucadas,
 Porque não vá tocar nos tejadilhos
 Já brancos das pomadas e dos polvilhos.»*

Feita a renovação no penteado pelo cabeleireiro francês Leonard, que substituiu pelo penteado à *crioula* as *trouxas* enormes do século XVIII, a «sécia» passou a ser menos ridícula; os bambolins começaram a desaparecer das saias; os polvilhos do antigo regímen voaram na asa da Revolução; a «modinha brasileiro-sensualidade a ele-ciou a licença do Queluz, e Pina do a dissolução do *maillot* cor-de-rosa 1806, as damas à la chamou Filinto, mãos e nos pés, *devant et dans les* como a Tallien, assestou a sua de ouro, dum

Uma bailarina de S. Carlos, no fim do século XVIII.

ra», infiltrando de gente de 1790, ini-Ramalhão e de Manique, temen-fim do século, o das elegantes de *Titus*, como lhe com anéis nas «*dans les pattes de pattesz de derrière*», Pina Manique luneta de punho vidro só, e preparou-se, gravemente, solenemente, para fazer sair dum camarote de S. Carlos a condessa da Ega, decotada mais do que era permitido, e do Passeio Público a amante de Marcos Portugal, uma francesa que aparecera em Lisboa com pantalonas cor de carne, a saia aberta ao lado, de alto a baixo, e um fecho de diamantes na curva da perna direita...



«Para atalhar desta corrente os diques,
Nem os vigilantísimos Maniques...»

A literatura de cordel continuou - coisa curiosa! - no seu ininterrompido papel de poder moralizador; tocavam os sinos, noite e dia, na religiosa Lisboa; os frades inunda-

vam as ruas; a rainha, no Ramalhão, de turbante de plumas, presidia à sua corte de boleeiros, de eguariços e de mendigos; e à roda do Terreiro do Paço, em coches bamboleantes, com a figura branca de Vénus nas portinholas douradas, as «casquilhas» de 1800, herdeiras das «sécias» de 1780 e das «franças» de 1751, começavam a exhibir em pleno dia e em plena corte, a baeta sangrenta dos seus josézinhos vermelhos...

ora e outrora, 10
- curiosidades da cultura portuguesa -

Direcção de Margarida Leme



Já publicados:

- 1) Anónimo – *O Arrependimento dos Inimigos de Baco e a Reconciliação dos Amigos da Pinga.*
- 2) Alberto Pimentel – *Reabilitação do Queijo por Um Documento Antigo.*
- 3) Alberto Pimentel – *O Chá Português.*
- 4) Alberto Pimentel – *A Broa.*
- 5) Sousa Viterbo – *O Doutor da Mula Ruça e o Sandeu da Retorta.*
- 6) Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral – *A Peidologia.*
- 7) Sousa Viterbo – *Jogos Portugueses.*
- 8) Conde de Sabugosa – *A Filha de Pedro Nunes.*
- 9) Pinto de Carvalho (Tinop) – *Os Amores de D. Carlota Joaquina.*

2,50 euros

ISBN: 972-8777-74-4
